

A FORMAÇÃO DO LEITOR: DESAFIOS DE FORMAR LEITORES NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

READER TRAINING: CHALLENGES OF TRAINING READERS IN THE 4th YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION

FORMACIÓN DE LECTORES: DESAFÍOS DE LA FORMACIÓN DE LECTORES EN EL 4º CURSO DE EDUCACIÓN ELEMENTAL

Ana Lúcia Ribeiro do Nascimento¹

Michelle Castro Lima²

Sangelita Miranda Franco Mariano³

Resumo: O sistema educacional brasileiro passou por inúmeras transformações ao longo dos últimos anos. Saber ler, tem sido um dos assuntos mais abordados em eventos científicos e congressos da área. Porém, saber ler, não é suficiente para inserir o indivíduo na sociedade como um cidadão ativo e participante. Goulemot (1996) pondera que ler é produzir sentidos, e, foi a partir dessa reflexão, que nos propomos a investigar as estratégias de formação de leitores. A pesquisa foi conduzida com o desígnio de responder à questão: Como é possível formar leitores no 4º ano do ensino fundamental? O objetivo desta iniciativa é compreender como é o hábito de leitura dos alunos contextualizados na pesquisa, e, o quanto essa formação implica no aprendizado. A princípio, a pesquisa começou a ser desenvolvida no início do ano letivo de 2020, e foi interrompida em consequência da Pandemia do Coronavírus, ocasião em que as aulas passaram a ocorrer remotamente. Nessa investigação, percebemos o quão frágil é a formação desses alunos, no que diz respeito à falta de estruturas físicas e pedagógicas.

Palavras-chave: Leitura; mediação; formação.

Abstract: The Brazilian educational system has undergone numerous transformations over the last few years. Knowing how to read has been one of the most discussed topics in scientific events and congresses in the area. However, knowing how to read is not enough to insert the individual into society as an active and participating citizen. Goulemot (1996) considers that reading is to produce meanings, and it was from this reflection that we proposed to investigate the strategies of formation of readers. The research was conducted with the aim of answering the question: How is it possible to train readers in the 4th year of elementary school? The objective of this initiative is to understand how the reading habit of students contextualized in the research is, and how much this training implies in learning. At first, the research began to be developed at the beginning of the 2020 school year, and was interrupted as a result of the Coronavirus Pandemic, when classes began to take place remotely. In this investigation, we realized how fragile the formation of these students is, with regard to the lack of physical and pedagogical structures.

Keywords: Reading; mediation; training.

Resumen: El sistema educativo brasileño ha sufrido numerosas transformaciones en los últimos años. Saber leer ha sido uno de los temas más discutidos en eventos y congresos científicos del área. Sin embargo, saber leer no es suficiente para insertar al individuo en la sociedad como

¹ Universidade Federal de Uberlândia.

² Universidade Federal de Catalão.

³ Instituto Federal de Ciências e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos.

ciudadano activo y participativo. Goulemot (1996) considera que leer es producir significados, y fue a partir de esta reflexión que nos propusimos investigar las estrategias de formación de lectores. La investigación se realizó con el objetivo de responder a la pregunta: ¿Cómo es posible formar lectores en el 4to año de la escuela primaria? El objetivo de esta iniciativa es comprender cómo es el hábito lector de los estudiantes contextualizados en la investigación, y cuánto implica esta formación en el aprendizaje. En un principio, la investigación comenzó a desarrollarse a principios del año escolar 2020, y se vio interrumpida a raíz de la Pandemia del Coronavirus, cuando las clases comenzaron a darse a distancia. En esta investigación, nos dimos cuenta de cuán frágil es la formación de estos estudiantes, en cuanto a la falta de estructuras físicas y pedagógicas.

Palabras clave: Lectura; mediación; formación.

Introdução

Os códigos da escrita é um saber significativo para que possamos exercer nosso papel frente aos desafios cotidianos. Solé (1998) indica que ler é diferente de codificar, todavia, para desenvolver a leitura é necessário decodificar as linguagens escritas. No entanto, é necessário compreender os usos e funções sociais da leitura. À escola, é atribuída a função de ensinar a ler e escrever. Todavia, é substancial a percepção de que os indivíduos, ao adentrarem o mundo escolar, já possuem linguagem e estratégias próprias de ler o mundo.

Nesse sentido, é preciso refletir sobre práticas de letramento significativas, pois, de acordo com Soares (1998), o sujeito quando em constantes práticas de letramento, ou seja, quando consegue utilizar a leitura e a escrita socialmente, poderá refletir sobre o mundo, contextualizá-lo e inserir-se nele de modo crítico e consciente.

Esse artigo foi elaborado a partir da realidade de uma escola subvencionada pelo Estado na cidade de Catalão na qual observamos durante as aulas e as práticas de leitura dificuldades por parte dos alunos para compreender, para entoar e pontuar o texto durante a leitura. A partir dessa realidade desenvolvemos um trabalho de mediação de leitura a fim de trabalhar o letramento a partir da formação do leitor.

Se partimos de uma reflexão epistemológica sobre a construção do conhecimento, uma vez que este, permite ao indivíduo condições, para além de habilidades de decodificação dos códigos da escrita, o pleno exercício da cidadania, podemos recorrer a estudiosos e pesquisadores com investigações já consolidadas para conduzir nossa reflexão, a exemplo: Piaget (1896-1980). Ao argumentar que ao passar de um estágio de desenvolvimento para outro, a criança vai paulatinamente estabelecendo relações cognitivas que permitem que esta avance de um pensamento complexo para o abstrato. Construção esta, que está relacionada à interação com o meio.

Igualmente importante, podemos acionar Vygotsky (1896-1934), que ao expor seus estudos sobre o desenvolvimento intelectual, atribuiu considerável importância às mediações de pessoas que estão envoltas no cotidiano da criança. Ambos autores produziram pesquisas relevantes para compreendermos o processo de aquisição da leitura e da escrita na infância, porém, precisamos pontuar alguns aspectos que distanciam os dois pesquisadores. Piaget estudou os estágios de desenvolvimento da criança de acordo com a maturação biológica com algumas influências do meio, já Vygotsky abordou a mediação e interação com o meio social como aspecto central para o desenvolvimento da criança.

Dentro dos pilares básicos de pensamento da teoria de Vygotsky (1991), pode-se compreender que o funcionamento psicológico se fundamenta nas relações sociais entre indivíduo e o mundo exterior, as quais desenvolvem-se num processo histórico, e que, no entendimento de Vygotsky (1991), o homem é social, e, nesse sentido o autor concebe a aprendizagem como um processo que

se dá de forma mediada, por meio das relações com outros. A cultura não é pensada como algo pronto, mas como um movimento que está em constante recriação e transformação.

Ao considerar que a sociedade produz cultura, podemos refletir no papel social da escola, como espaço institucional de aprendizagem propício ao desenvolvimento do letramento, ou seja, práticas sociais de escrita e leitura. Sob esta perspectiva, podemos inferir que a leitura enquanto habilidade construída historicamente, socialmente e culturalmente, é importante para a construção de sentidos, como defende Goulemot (1996). Deste modo, delineamos a seguinte problematização: Como desenvolver o letramento a partir de atividades de mediação de leitura na formação do leitor?

Nascimento (2019) indica a contribuição do letramento literário à formação dos alunos, e concordamos com a autora ao expor que:

Entendido como o processo de apropriação da leitura enquanto linguagem literária, esse letramento deve ter início, se pensarmos somente na escolarização, na educação infantil e acompanhar toda a vida escolar do indivíduo. Além disso, esse letramento envolve a apropriação dos textos, ou seja, a possibilidade de se ressignificar os textos lidos de acordo com as vivências de cada leitor, atribuindo-lhes sentidos que dialogam com as experiências relacionadas ao mundo de cada um (NASCIMENTO, 2019, p. 142).

À vista disso, o ato de ler envolve processos complexos, como a linguagem, percepção, aspectos cognitivos e afetivos. Por isso, deveria ser considerado como fator determinante à construção do conhecimento. Entendemos que a instituição considera esses aspectos importantes no desenvolvimento do ensino-aprendizado, no entanto, ainda carece de infraestruturas físicas como um bom acervo literário e espaço destinado à leitura, além de um profissional habilitado para desenvolver atividades formativas na biblioteca escolar. Infelizmente, a escola na qual desenvolvemos a pesquisa não possui nem uma biblioteca adequada, nem o profissional que elabore atividades que despertem o interesse dos alunos para a leitura.

Diante da proposta de verificar como é possível a formação de leitores no 4º Ano do Ensino Fundamental I, e, para, além disso, compreender o sentido desse aprendizado no desenvolvimento de outras habilidades necessárias ao aluno, para que este possa compreender as informações decodificadas e inserir-se no mundo e ser partícipe na formação da cultura, organizamos este texto em dois momentos: no primeiro apresentamos como ocorre a mediação de leitura, pois acreditamos que mediar leituras é extremamente importante para o aprendizado e para a formação do leitor; no segundo momento, expomos como ocorreu parte da pesquisa, algumas obras que foram trabalhadas com os alunos, e suas percepções acerca das atividades desenvolvidas.

A mediação de leitura

Saber ler é essencial para a formação de um indivíduo. Nunes e Santos (2020) ponderam que o contato com os livros desde a mais tenra idade permite desenvolver o gosto pela leitura, e, “saber ler é primordial para uma vida em sociedade e o incentivo é muito importante para se adquirir o hábito da leitura” (p. 11).

Bortolin e Silva (2018) ponderam que na formação de leitores, apenas bibliotecas com acervos satisfatórios não são suficientes, é preciso um mediador, “aquele que está entre o aluno e o acesso à leitura” (p. 38). Nesse ínterim, a biblioteca escolar deve ser atraente aos alunos, e, além disso,

Os profissionais atuantes na biblioteca devem ser capacitados para atender e saber identificar cada necessidade do usuário, abordá-lo e ajudá-lo em caso de dúvidas e indecisões. O usuário deve sentir confiança ao pedir ajuda e ter a

certeza que terá suas expectativas atendidas. A biblioteca deve ter seu acervo diversificado de acordo com as necessidades dos usuários, mantendo-o sempre atualizado (NUNES; SANTOS, 2020, p. 12).

Segundo Bajard (2007), os momentos de mediação favorecem o letramento, pois, ao participar das práticas de leitura, a oralidade do mediador e, ao mesmo tempo do autor do livro possibilita que o aluno estabeleça relações e crie vínculos de aprendizagens. O autor pondera que anterior à mediação, é necessário um conhecimento prévio do texto, haja vista que:

Na mediada em que necessita da compreensão para ser eficiente, a transmissão vocal exige do locutor tomar conhecimento do texto antes da proferição. De fato, é difícil atribuir um tom expressivo a uma passagem se o encadeamento dos eventos da história e seu desfecho não são conhecidos. As dificuldades ocorrem não somente no nível do texto, mas também no da frase. Como, por exemplo, marcar uma entonação de uma pergunta se o ponto de interrogação é apreendido visualmente apenas ao fim da frase? Uma atividade solitária de desvelamento da narrativa é desejável antes do confronto com os ouvintes. A leitura que desvela o texto e a voz alta que o publica tornam-se mais efetivos quando ocorrem sucessivamente (BAJARD, 2007, p. 33).

Além da leitura do texto, é necessário que o mediador apresente a obra em sua integralidade, ou seja, aspectos gráficos e ilustrativos, este último essencial à compreensão do texto para alunos nessa fase de ensino. Nunes e Santos destaca o quão importante para a mediação de leitura, que o mediador goste de ler, além de demonstrar domínio da habilidade. É importante nesse sentido, que o mediador assuma uma postura que permita combinar gestos, olhares e exposição da obra. De acordo com o autor:

Mostrar imagens e textos do livro legitima-se de várias maneiras: – Oferece acesso à obra completa, composta por um conjunto de matéria icônica e de texto gráfico; – Oferece a cesso à dimensão icônica do texto gráfico já que o texto adquire, no álbum, no álbum o valor da imagem; – Oferece acesso a dimensão tipográfica que possibilite as primeiras identificações (travessão, maiúscula, parágrafo) atribuído a transmissão vocal que função de letramento a iniciação à leitura (BAJARD, 2007, p. 55).

O aluno pode a partir dessa interação compreender que as imagens necessitam de interpretação, e, página após página o leitor consegue identificar os personagens e a diversidade de situações vivenciadas e ou representadas. A mediação nesta perspectiva poderá:

A curto prazo disponibiliza para a criança o mundo imaginário dos livros e coloca-a em contato com uma matéria linguística mais elaborada do que a própria língua oral dos contos. A médio prazo, ao expor o funcionamento da língua escrita, a mediação possibilita a construção de um conhecimento a seu respeito, por fim, de modo informal, ela propicia as primeiras descobertas linguísticas do código gráfico, que mais tarde possibilitarão o seu domínio (BAJARD, 2007, p. 106-107).

Consideramos, nesse sentido, que o mediador ao estabelecer essa espécie de ponte entre a obra e o aluno favorece além da construção do conhecimento por práticas de ensino e aprendizagem, o letramento e habilidades de percepção da diversidade cultural. Desta forma, desenvolvemos uma pesquisa com alunos do 4º ano do ensino fundamental para compreender o

hábito de leitura dos alunos a partir da mediação da mesma, e, a seguir iremos apresentar o lócus da pesquisa e o processo de mediação de leitura na formação do leitor no ensino fundamental.

Desenvolvimento

A pesquisa que apresentamos, teve início no primeiro bimestre do ano de 2020, com alunos do 4º ano do ensino fundamental em uma escola subvencionada pelo estado de Goiás. Com o intuito de situar o lócus da pesquisa julgamos necessária uma breve apresentação do espaço escolar.

A escola atende cerca de 1.500 alunos divididos em três turnos e oferece o ensino fundamental e médio. A instituição escolar possui uma pequena biblioteca para empréstimos de livros, não havendo desse modo, um profissional exclusivo para uma sala de leitura. Na biblioteca não há espaço para que os estudantes adentrem, escolham um livro e se acomodem para realizar a leitura. Os empréstimos são feitos por uma média de sete dias, e devolvendo o livro, o estudante pode pegar outro.

Nunes e Santos (2020) indicam que “biblioteca escolar é essencial para a formação de leitores que, através da leitura, podem desenvolver o pensamento crítico e reflexivo e a construção do conhecimento, estabelecendo a possibilidade de melhor comunicação para uma vida em sociedade” (p. 06), e, ressaltam ainda que em algumas instituições as bibliotecas são espaços de punições em que funcionários que estão com problemas de saúde são impelidos à trabalhar. As autoras consideram que:

A biblioteca escolar precisa ser reconhecida pelo professor e por toda a comunidade escolar como uma unidade rica em informação e conhecimento e não como uma sala de castigo ou depósito de livros. Desta forma, pode-se dizer que a biblioteca escolar existe para atender às necessidades informacionais dos alunos, professores, coordenadores, enfim de toda a comunidade escolar (NUNES; SANTOS, 2020, p. 05).

Conforme disposto no artigo 2 da Lei 12.244⁴ de 2010, as escolas devem dispor de bibliotecas para consulta, estudo e ou leitura. Ou seja, a instituição não cumpre a rigor a legislação, além de possuir um acervo insatisfatório, com poucas obras indicadas para os primeiros anos do ensino fundamental e mal organizadas, além de não ser nada atrativo.

Concordamos com Nunes e Santos (2020) ao exporem que:

É primordial que os alunos aprendam desde cedo a importância da biblioteca dentro do ambiente escolar como fonte de informação e conhecimento, para que se tornem leitores com perfil crítico e reflexivo, adquirindo habilidades e competências para buscar, recuperar e avaliar as informações que necessitam para, assim, aprender constantemente contribuindo para sua vida social e acadêmica. O seu distanciamento ou falta de conhecimento sobre o uso e a importância da biblioteca escolar demonstra a realidade de muitas escolas, onde os alunos não recebem o incentivo de seus professores e limitam-se apenas aos conteúdos dos livros didáticos (NUNES; SANTOS, 2020, p. 07).

⁴ Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País (BRASIL, 2010).

Somados ao distanciamento dos professores e alunos em relação à biblioteca escolar, estão os exíguos investimentos de ordem pública. Parece-nos que o emprego de recursos para este fim ainda não é prioridade.

No início da pesquisa, ao fazermos uma sondagem com os alunos, ocasião em que oferecemos livros para que estes pudessem ler, a fim de verificar qual o contato dos mesmos com a leitura, nos deparamos com questionamentos: “Depois que ler tem que copiar? Vai ter que fazer desenho depois que ler? Tem que responder pergunta?” Entre tantos outros questionamentos, evidenciamos que as práticas de leitura estiveram subordinadas à execução de atividades. Compartilhamos a observação de Moraes (2012) ao pontuar que práticas por vezes desenvolvidas por professores ao condicionar a leitura à execução de atividades, podem afastar o aluno do universo que a leitura é capaz proporcionar.

Ao serem informados que a leitura seria sem nenhuma atividade prática os alunos ficaram surpresos. Alguns pediram para escolher outros títulos. Até então, as escolhas foram feitas pensando que teriam que realizar atividades posteriores, muitos alunos optaram por livros com poucas páginas e ou com muitas ilustrações.

A pesquisa foi parcialmente desenvolvida. Nos dois primeiros meses letivos do ano de 2020, os alunos faziam leituras deleite um dia por semana após o recreio, e levavam a cada quinze dias um livro para ler em casa, e depois socializavam as leituras e trocas dos títulos entre os pares. Após as leituras, ocorriam momentos de conversa entre os alunos em que os mesmos falavam se haviam alcançado as expectativas iniciais quanto às leituras realizadas, ou seja, emitiam opinião sobre o livro: se gostou ou não, e o porquê.

Segundo Bajard (2007):

Pela troca e pelo empréstimo instaura-se um uso social do livro, primeiro passo para fruição compartilhada da escuta do texto entre todos os ouvintes. Desse modo a sessão de mediação desenvolve uma prática social do livro que nenhum acervo familiar propicia. Começa a lenta descoberta de que o verdadeiro prazer do livro não reside na sua posse material, mas no seu conteúdo, imaterial, simbólico e inesgotável (BAJARD, 2007, p. 72).

O objetivo era, após um período de leituras deleite, selecionar uma obra por semana e posteriores socializações e possíveis intervenções por parte do mediador da leitura.

Os alunos estavam totalmente engajados quando fomos avisados pela direção da escola que as aulas estavam suspensas, em consequência da Pandemia do Coronavírus⁵. Como medida de enfrentamento, o estado de Goiás publicou por meio da Resolução⁶ 02/2020, o Regime Especial de Aulas Não Presenciais (REANP). Deste modo, a pesquisa em desenvolvimento foi interrompida.

Enquanto estivemos desenvolvendo a pesquisa na escola no modo presencial, as obras disponíveis não eram suficientes, não havia títulos iguais para todos os alunos acompanharem as leituras nos momentos de mediação, o que dificultava este exercício. Retomada de outra forma, cinco meses depois, a partir de grupos de *WhatsApp*, começamos a disponibilizar livros semanalmente para que os alunos fizessem a escolha, realizassem a leitura e fizessem as socializações. Novamente, leituras deleite.

⁵ Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como o fazem, por exemplo, o MERS-CoV e o SARS-CoV.

⁶ GOIÁS, Secretaria Geral da Governadoria Coordenação do Conselho Pleno. Resolução CEE/CP N. 20, de 04 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.cee.go.gov.br/files/Resolucoes/RESOLUCAO-CEE-CP-N.-20-DE-2020.pdf>.

Após um mês de realizações de leituras diversificadas, iniciamos o processo de mediação de leitura. Algumas das obras em que realizamos as leituras mediadas foram:

- A história que mora nas coisas de Sandra Aymone;
- Bel, o menino de coração selvagem de Wagner David Rocha;
- Eu sou assim e vou te mostrar de Heinz Janich;
- João, presta atenção! de Patrícia Secco;
- A estrela de Laura de Klaus Baumgart.

Ressaltamos que as escolhas dos livros foram feitas pelos alunos. As mediações foram feitas em encontro no *Google Meet*. Na ocasião, os alunos realizavam as leituras e socializavam as previsões da história, emissão de opiniões e expectativas em relação ao livro lido além de atribuição de sentidos.

Nos momentos de leitura observamos algumas dificuldades em relação à entonação e pontuação, bem como na decodificação das palavras. As leituras eram realizadas primeiramente pelo mediador, e foi possível perceber que alguns alunos tentavam realizar a leitura conforme o mediador havia feito, entonação, gesticulação, entre outros. Findados os encontros, indicávamos para os alunos que fizessem a leitura novamente para alguém da família e os retornos foram positivos. As leituras eram feitas para os irmãos, pais, mães, avós, tios, etc. Pouco a pouco as leituras foram ficando mais fluentes.

Kuhlthau (2013) aponta alguns aspectos sobre o comportamento do mediador da leitura, bem como posicionamento, acordos para quem irá ouvir a história, entre outros. Durante a realização da pesquisa houve acordos, e considerando que ocorreram por momentos síncronos, houve, de certo modo, alguns acordos como manter o microfone desligado enquanto a história era lida, mostrar a ilustração da história, e, no caso do mediador, foi possível compartilhamento de tela com as imagens. Pastorello (2010) aponta a importância de o mediador propiciar aos ouvintes o acompanhamento da leitura, bem como a visualização das imagens.

Como alguns alunos não tinham acesso às tecnologias necessárias para acompanhar as aulas, juntamente com as atividades impressas que a escola entregava, estes receberam as cópias dos livros para realizarem as mesmas leituras dos demais. Porém, não havia socialização e tampouco mediação de leitura.

Algumas considerações

Ao final do ano letivo, que ocorreu remotamente, pudemos tecer algumas considerações e apontamentos futuros. Nesse sentido, ponderamos que: A) As bibliotecas nas escolas deveriam propiciar espaços proficientes à formação do leitor; B) O mediador da sala de leitura é de extrema importância para o aprendizado e consequente letramento; C) Os professores quando não há na escola uma sala específica para leitura, deveriam possibilitar, junto aos conhecimentos curriculares, momentos de leitura literária, deleite e prazerosa com a intencionalidade de formar indivíduos leitores; D) A comunidade escolar precisa assumir projetos de formação literária; E) As políticas públicas carecem de eficiência, à medida que a administração pública é substituída, por intermédio do sufrágio, são elencadas novas abordagens e são esquecidos programas e projetos em desenvolvimento, sem se quer questionar sua efetividade.

Ao refletirmos a questão inicial pela qual este estudo foi orientado, reforçamos a importância do contato com os alunos, uma vez que a maior parte da pesquisa foi desenvolvida remotamente. Acreditamos que o ensino presencial permite expor melhor os sentimentos no momento da mediação. Apesar disso, obtivemos respostas positivas sobre a formação desses pequenos leitores no ensino fundamental, pois, a participação e engajamento dos alunos

possibilitaram que esses momentos formativos fossem, ainda que de modo remoto, significativos para a aprendizagem e construção do conhecimento. Foi positivo também pela amplitude que as tecnologias podem proporcionar, uma vez que foi possível o contato com as obras, além da interatividade que as mídias podem oportunizar em consequência das interações que puderam transpor o universo da sala de aula física.

Nessa perspectiva, salientamos que segundo a visão de Colomer (2007), a formação do leitor necessita desenvolver conhecimentos que possibilitem interpretações de culturas, ao considerar que o leitor se constrói historicamente e socialmente. E, por intermédio de uma mediação significativa, a leitura torna-se prática formativa social e cultural permitindo o leitor/aluno desenvolver habilidades de letramento no contexto em que está inserido.

Referências

BAJARD, Elie. *Da escuta de textos à leitura*. São Paulo: Cortez, 2007.

BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: SILVA, R. J.; Bortolin, S. (Org.). *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. 2. ed. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 89-96.

BRASIL. *Lei nº 12.244, de 24 de janeiro de 2010*. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em 15 nov. 2021.

COLOMER, Teresa. *A leitura literária na escola*. Trad. L. Sandori. São Paulo: Global, 2007.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas de leitura*. Trad. C. Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 107-116.

KUHLTHAU, Carol. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental*. Trad. B. S. Campello et al. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MORAIS, Elaine Maria da Cunha. Formam-se leitores nas bibliotecas escolares? In: PAIVA, A. (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 39-71.

NASCIMENTO, Débora Ventura Klayn. Livro didático e leitura literária nos anos finais do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 19, n. 1, p. 119-145, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398201912582>. Acesso em: 15 nov. 2021.

NUNES, Martha Suzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 25, n. 02, p. 3-28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3725>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PASTORELLO, Lucila Maria. *Leitura em voz alta e apropriação da linguagem escrita pela criança*. 2010. 150f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: 10.11606/T.48.2010.tde-20042010-154846.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Sobre as autoras

Ana Lúcia Ribeiro do Nascimento. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Uberlândia – UFU – Conclusão em 2023. Mestre em Educação – Campus Catalão pela Universidade Federal de Goiás (2019). Graduada em Pedagogia no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos (2016). Atualmente atua no Instituto Federal Goiano Campus Morrinhos, como docente no curso de Pedagogia.

E-mail: anaminzinha@hotmail.com.

Michelle Castro Lima. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU (2016), mestrado em Educação pela UFU (2011) e graduação em Pedagogia pela UFU (2007). Atualmente professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização, memória, formação de professores, práticas e currículo.

E-mail: michellecl82@gmail.com.

Sangelita Miranda Franco Mariano. Graduada em Pedagogia; Especialista em Docência na Educação Superior, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Atuou como professora na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental na rede pública municipal de Uberlândia-MG. Atualmente trabalha no Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, como docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Atua como professora nos cursos de licenciatura em Pedagogia; Química e no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (ProfEPT). É coordenadora de área do Programa Residência Pedagógica (PRP) – Subprojeto Pedagogia-Alfabetização e coordena o estágio curricular supervisionado desenvolvido nas creches e pré-escolas.

E-mail: sangelita.mariano@ifgoiano.edu.br.